

AUDIOVIDEOGRAFIA E CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DO 6º ANO DE ESCOLARIDADE

Maria José Ferreira
Universidade do Minho
mjfer.maria@gmail.com

Lia Raquel Oliveira
Universidade do Minho
lia@iep.uminho.pt

Resumo

A criação, por adolescentes, de pequenos filmes (audiovideografia), sobre si próprios e sobre o seu mundo, contribui para a construção e afirmação da sua identidade de forma positiva? Entendendo a consciência e afirmação da identidade como um factor positivo, ou seja, de impulsionador da auto-estima e do bem-estar pessoal, colocamos a hipótese de que tal conduza a um estado de predisposição e motivação para a aprendizagem e para vivências gratificantes da escolaridade.

Para procurar resposta para esta questão concebeu-se um estudo de caso de natureza qualitativa durante o qual um grupo de alunos usou as tecnologias vídeo numa experiência de relato autobiográfico. Tivemos como objectivos: contribuir para uma consciencialização dos alunos relativamente à sua identidade, sensibilizando para as identidades alheias; motivar os alunos para uma vivência positiva da escolaridade, fomentando o seu desejo de aprender e o seu empenhamento nas actividades; proporcionar uma aproximação das linguagens usadas na escola às linguagens usadas fora da escola; promover a cidadania, através da aprendizagem da linguagem audiovisual.

Verificamos que a escola passou a ser, para estes jovens, um espaço mais agradável, gratificante e de aprendizagem auto-motivada e que se desencadeou um processo de reflexão que contribuiu para a construção/afirmação da identidade ajudando a ultrapassar dificuldades de aprendizagem ligadas a um baixo auto-conceito.

1 Introdução

Os nossos alunos são hoje uma geração extremamente sensível, habituados a aprender através de todos os sentidos, impregnados de ‘cultura mediática’, principalmente a televisiva. Manifestam-se insatisfeitos quando deparam com uma escola ainda marcada por um ensino que pratica uma ‘cultura’ e um ‘saber’ excessivamente centrado no livro e no discurso verbal expositivo e magistral do professor.

Parece-nos urgente que se perceba a importância de construir um ensino ligado à vida social dos alunos, com recurso à Tecnologia Educativa e que se aproxime dos seus interesses, permitindo-lhes uma integração plena na sala de aula, no processo educativo e na vida escolar.

No sentido de procurar uma resposta ao problema apresentado propõe-se uma investigação no terreno usando como estratégia privilegiada a audiovideografia enquanto meio de expressão. Pretende-se, deste modo, usar as actuais tecnologias self-media da audiovideografia como

auxiliar de aprendizagem de modo a que os alunos passem de espectadores a produtores, desenvolvendo a sua autonomia e o sentido crítico. Ou seja, usar “o cinema criado pelos estudantes enquanto actividade de apreensão/compreensão e construção do mundo, dos outros e de si próprios” (Oliveira, 2008).

2 Problemática

A nova geração escolar, ‘formada’ pelos media, pelo poder da imagem, da máquina e das tecnologias, procura na escola um espaço de aprendizagem que lhe proporcione várias e diversificadas novas formas de comunicação. Estes alunos, habituados a aprender através de todos os sentidos, manifestam-se insatisfeitos perante uma escola que ainda não acompanha a evolução tecnológica a que a sociedade os habituou.

Estamos numa era em que o professor já não é o detentor soberano do conhecimento e da palavra. A mudança é urgente no que diz respeito aos objectivos e aos métodos de ensino. A "Geração Net" (Oblinger e Oblinger, 2005) emerge de um ambiente interactivo e “conectivo” (Siemens, 2004). Não se trata de uma geração apenas ouvinte mas com sede de utilização, criação e cada vez mais comunicativa. Gerada no seio da era digital, está constantemente a interagir através da internet, telemóveis, televisão interactiva e todo o tipo de *gadgets* electrónicos, a nova versão dos designados “self media” cunhados por Jean Cloutier (1975, 2002).

A escola tradicional, que cultiva um ‘saber’ apenas promovido pela educação formal ignora o facto de os seus alunos deterem, à partida, outros saberes, saberes informais adquiridos através do contacto com os media. Estes saberes que se completam devem, em nosso entender, ser trabalhados em paralelo com os saberes escolares para que a aprendizagem seja mais social e cidadã.

Emerge aqui um novo educador que fomenta um ensino bilateral em que o aluno, como nativo-digital (Prensky, 2001), pode ensinar o professor e os colegas, reciprocamente, através dos seus pontos de vista, opiniões, sugestões para solucionar problemas, através do diálogo, do fórum mediatizado, em suma, da partilha.

Com o uso das tecnologias no ensino podemos aumentar a motivação dos alunos, proporcionar-lhes maior liberdade nas actividades de aprendizagem e promover a auto-regulação. No termo auto-regulação da aprendizagem, o prefixo ‘auto’ acentua o papel investido do sujeito no seu processo de aprendizagem – descreve aprendizagens que envolvem agência, trabalho autónomo, motivação intrínseca e estratégias de acção (Boekarts e Corno, 2005; Dembo e Eaton, 2000; Rosário, 2004b; Zimmerman, 2002).

Acreditamos, como Geneviève Jacquinot (1998), que a ideia de um aluno activo, *no centro da aprendizagem*, uma aprendizagem pelo fazer como construção de significados, pode constituir um passo importante na aquisição e consolidação dos conteúdos programáticos. Não esquecendo de realçar a dimensão colaborativa da aprendizagem, o que reflecte uma aprendizagem mais socialmente integrada.

3 Questões e objectivos

Em “Os sete saberes necessários à educação do futuro”, Edgar Morin (2003) refere um aspecto importante que falha nos programas de instrução. O aspecto da identidade humana. Não podemos de facto ignorar que fazemos parte de uma sociedade que se nos impõe desde que nascemos, em cultura e em valores.

Os nossos alunos não fogem à regra mas também não podemos esquecer que estes jovens, apesar de adoptarem valores, perspectivas e modelos de comportamento têm também uma evolução paralela, singular, que brota da sua individualidade. Esta particularidade permite-lhes serem ao mesmo tempo receptores e observadores críticos.

Na escola, o aluno, não deixa de ser um indivíduo social, que ouve, assimila, digere e expele a sua opinião pessoal, quer seja em relação às matérias leccionadas pelo professor ou nas relações com os colegas. É necessário que se lhe dê o espaço para que tal aconteça e possa crescer como um ser humano provido de singularidade no seio da sociedade.

David Gauntlett (1997) acentua o facto das crianças serem como seres desprovidos de opinião, que não podem falar por si mesmos, e cujos pontos de vista são ignorados pela sociedade que prefere falar por eles.

Neste estudo quisemos dar ao aluno a oportunidade de se conhecer melhor através da descoberta da sua identidade e da identidade alheia, tomando consciência da diferença e criando situações de confronto com outras realidades de vida. Podendo reflectir criticamente e livremente sobre elas.

Na perspectiva da teoria do desenvolvimento, existe uma viagem que as crianças têm de percorrer pela imaturidade até chegarem à etapa adulta. Vazias de personalidade própria adoptam mais tarde um conjunto de valores, cultura e modelos de comportamentos transmitidos pelos adultos.

No âmbito deste estudo, ao fazerem a sua autobiografia e ao verem a sua “vida” no ecrã estes alunos concluíram que herdaram valores, características individuais, aspectos culturais, aptidões, influências dos seus familiares e da comunidade com quem viveram até à data mas também particularidades e vontades próprias que os distinguem daqueles com quem vivem e convivem.

Um outro aspecto importante e ainda na perspectiva de Edgar Morin (2003), para se viver em sociedade e em comunidade, é preciso que exista o saber da compreensão humana.

“Compreender não só os outros como a si mesmo, a necessidade de se auto-examinar, de analisar a autojustificação, pois o mundo está cada vez mais devastado pela incompreensão, que é o câncer do relacionamento entre os seres humanos.” (Morin 2003)

Todo o trabalho desta investigação assenta numa base de relação com os outros. Ninguém tem uma história de vida isenta de relações humanas e este trabalho pretendeu, em parte, analisar e provocar uma análise dessas relações passando pela constatação de factos que levaram à reflexão auto e hetero-crítica facilitando o relacionamento humano e o bem estar pessoal.

Nestes pressupostos, colocamos a seguinte questão: A criação, por adolescentes, de pequenos filmes (audiovideografia), sobre si próprios e sobre o seu mundo, contribui para a construção e afirmação da sua identidade de forma positiva?

Entendendo a consciência e afirmação da identidade como um factor positivo, ou seja, de impulsionador da auto-estima e do bem-estar pessoal (saber-ser), colocamos a hipótese de que tal conduza a um estado de predisposição e motivação para a aprendizagem e para vivências gratificantes da escolaridade.

Assim, teremos como objectivos - contribuir para uma consciência crítica dos alunos relativamente à sua identidade, sensibilizando, simultaneamente, para as identidades alheias; motivar os alunos para uma vivência positiva da escolaridade, fomentando o seu desejo de aprender e o seu empenhamento nas actividades; proporcionar uma aproximação das linguagens usadas na escola às linguagens usadas fora da escola; promover a cidadania, através da aprendizagem da linguagem audiovisual, associando, assim, uma educação para os media a uma educação com os media e, por fim, proporcionar o desenvolvimento de destrezas informáticas off-line e on-line.

4. Metodologia

A opção metodológica para esta investigação é o estudo de caso de observação (Bogdan e Biklen, 1994), partindo do princípio que foi feita uma análise em contexto real e observado, detalhadamente, do comportamento de um grupo de alunos usando a tecnologia do vídeo (audiovideografia) para chegar a uma auto-regulação da aprendizagem através de uma experiência de “cinema na 1ª pessoa”(Oliveira, 2008).

Através do método de resolução de problemas (baseado nas seguintes fases: Situação/Problema/Necessidade; Enunciado; Investigação; Planificação/Projecto; Realização e Avaliação) e do método de projecto (Kilpatrick, 2007), implementados de forma colaborativa

(vertente de interacção social), é possível conseguir um ensino no qual o aluno pode ser o verdadeiro e grande sujeito da sua própria aprendizagem.

O tema, trabalhado nas Áreas Curriculares Não Disciplinares de Área de Projecto e Formação Cívica, focou essencialmente a temática da identidade (uma experiência na primeira pessoa) e o método de trabalho incidiu no processo de auto-regulação para a construção de um registo auto-biográfico em audiovisual digital.

Os alunos começaram por procurar junto dos seus familiares toda a informação necessária e possível sobre a sua vida, assim como, na sua memória, recordações de infância que os tivessem marcado positiva ou negativamente. De seguida organizaram cronologicamente toda a informação conseguida, para poderem redigir as suas autobiografias. De toda esta primeira retrospectiva os alunos passaram por uma fase de introspecção que os levou a um auto-conhecimento e consciencialização da sua realidade social. Ao mesmo tempo, através da exposição voluntária em turma dos seus argumentos auto-biográficos, os alunos ficaram sensibilizados para a identidade alheia e críticos à sua própria identidade.

Com o argumento em mão passaram a construir um guião para a realização do seu videograma auto-biográfico.

Aproveitando o facto de o vídeo estar associado à televisão e a um contexto de lazer e entretenimento, transportou-se para a sala de aula essa expectativa positiva para atrair o aluno para os assuntos do nosso planeamento pedagógico mas, ao mesmo tempo, esteve-se atento estabelecendo novas pontes entre as actividades relacionadas com o vídeo e as outras dinâmicas da aula.

A prática da arte cinematográfica “desenvolve competências fundamentais (conceptuais e instrumentais) no âmbito das novas literacias e permite, simultaneamente, uma pedagogia crítica” (Oliveira, 2008). Neste sentido pretendeu-se colocar o aluno na posição de criador e realizador de um pequeno filme autobiográfico. A proposta de criar pequenos vídeos autobiográficos com os alunos no sentido de verificar até que ponto este processo de reflexão autobiográfica contribui para a construção e afirmação da sua identidade, ajudando a ultrapassar dificuldades de aprendizagem ligadas a um baixo auto-conceito, levou-nos a planificar um processo de observação directa de todo um trabalho de produção de vídeo, desde o primeiro momento de criação da autobiografia até ao relato da mesma, na primeira pessoa, com registo e posterior exibição pública.

Como grande parte das investigações na área da educação, também esta é uma investigação de natureza qualitativa onde o investigador está directamente inserido no ambiente natural onde decorrem as situações em estudo. As acções foram observadas no seu ambiente habitual de ocorrência (sala de aula), foram registados os momentos evolutivos do percurso da investigação,

in loco, por forma a perceber as questões mais importantes do desenvolvimento da questão principal.

Com este trabalho, próximo da actividade designada por vídeo-processo¹ os alunos, perante um tema (autobiografia), planificaram todo o caminho a percorrer para a construção de um pequeno filme (de mais ou menos 3 minutos) sobre si próprios. Passaram pelo processo de construção dos guiões, sinopse e argumento (relato autobiográfico), storyboard, montagem do filme num software de edição digital e, por fim, visualizando o resultado final, fizeram uma avaliação crítica do produto e do processo.

Ao longo do processo foram observadas, e registadas em diário (pela investigadora), atitudes, interesses, motivação, autonomia, interacção, colaboração no trabalho, capacidades de destreza e de auto-regulação, dinamismo e capacidade comunicativa dos alunos da turma.

Este estudo teve o propósito de explorar, descrever e avaliar a transformação ocorrida no grupo de alunos em estudo para concluir acerca do nível de motivação destes pela aprendizagem e rendimento escolar assim como o contributo deste meio audiovisual na construção de identidades.

Constituirá, em parte e também, um estudo de caso de tipo *instrumental*, na proposta de Stake (1995, citado por Coutinho, 2005), por funcionar como instrumento de compreensão para outros fenómenos, neste caso a influência do uso de uma dada tecnologia (audiovideografia) no grau de motivação dos alunos assim como a relação deste método com o desenvolvimento da auto-regulação da aprendizagem e construção de identidades.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), este estudo poderá inserir-se num estudo de caso múltiplo na medida em que os seus resultados poderão despoletar outros estudos. No entanto, não comparativo por não se procurar a generalização mas sim uma investigação do conhecimento aprofundado do fenómeno, daí a utilização de um número reduzido de sujeitos.

Os videogramas produzidos foram objecto de análise de conteúdo mediante o uso de grelhas construídas para o efeito, tendo em vista afinar a compreensão da afirmação da identidade nos produtos finais.

4.1 Participantes e enquadramento curricular

Este trabalho de investigação foi desenvolvido numa Escola E.B. 2/3 do concelho de Braga, com alunos de duas turmas do 6º ano de escolaridade, de idades compreendidas entre os onze e treze anos, vinte e seis do sexo feminino e vinte e um do sexo masculino.

¹ O vídeo-processo, também denominado por Moran (1993) de “vídeo como produção”, é uma modalidade em que a câmara de vídeo proporciona uma aprendizagem em que os alunos são os criadores, participam activamente do processo, ou seja, o vídeo é produzido pelos alunos, para posterior análise das actividades.

Perante um tema aglutinador (auto-biografia), os alunos foram orientados, nas aulas de Formação Cívica, num trabalho de pesquisa sobre a sua identidade, características pessoais e origens, usando o método de resolução de problemas e estimulando o processo de auto-regulação da aprendizagem. Este processo pode ser estimulado em três vectores: indirectamente através da experiência pessoal, directamente através da instrução e como produto da prática intencionada. (Rosário et al, 2007).

Em interdisciplinaridade, foram realizados na disciplina de Língua Portuguesa, pequenos textos autobiográficos, com frases simples e concisas. Na disciplina de Educação Visual e Tecnológica foram realizados desenhos em sequências fragmentadas, em forma de storyboard, por forma a desenvolver e planificar todo o trabalho que seria feito posteriormente em vídeo.

Nas aulas de Área de Projecto, os alunos produziram um videograma do tipo documentário na 1ª pessoa, exigindo-se uma preparação, análise, planificação e transferência de ideias. Posteriormente foram visionados, debatidos e avaliados pelo grupo-turma.

O trabalho decorreu durante o ano lectivo 2008/2009.

5 Resultados

Uma das turmas integrava alunos de um extracto social baixo, oriundos de famílias humildes em que os encarregados de educação têm poucas habilitações literárias. Na outra turma, pelo contrário, os alunos (a maioria) vivem uma realidade económica bem mais favorecida e os encarregados de educação têm mais habilitações literárias o que se reflecte no nível de conhecimentos dos alunos e na facilidade com que têm acesso e lidam com as novas tecnologias e projectos inovadores. Estes últimos podem, na sua maioria, contar com o apoio dos encarregados de educação na realização das tarefas relacionadas com a escola. No entanto, as maiores afirmações ao nível do produto final e até no aspecto da evolução motivacional deu-se na turma com origens mais humildes.

Pode-se concluir, de certa forma, que os alunos com maiores problemas de auto-conceito, auto-estima e desmotivação conseguiram ultrapassar alguns obstáculos mostrando no final do projecto e já na fase de avaliação uma postura mais confiante e falaram da sua vida, experiências e família com um certo orgulho aceitando também os factores que os distinguem dos outros colegas da mesma turma.

A exposição de todos também ajudou na percepção da existência de diferentes identidades, na aceitação e no melhor relacionamento com os outros.

Na turma dos alunos com melhores condições sócio-económicas, estes mostraram-se mais autónomos e mais seguros. No entanto, alguns alunos quiseram inicialmente mostrar uma realidade de vida que não existe no sentido de se igualar à maioria dos colegas do grupo turma.

Com o desenrolar do projecto esses alunos ganharam alguma aceitação da diferença e realizaram filmes com criatividade e motivação, reveladores de autenticidade.

Verificamos em ambas as turmas, um aumento da autonomia destes alunos e uma melhor auto-regulação da sua aprendizagem assim como um aumento do à-vontade em situação de relato perante um público.

A comunicação audiovisual e o uso das tecnologias informáticas de rede são, à partida, potenciais transformadores da identidade dos jovens. Um exemplo é a enorme projecção que tem o YouTube. A inesquecível atracção que o audiovisual tem sobre as crianças e jovens, bem como a facilidade com que estes exploram a tecnologia informática influenciam a forma como se vêem, como querem ser vistos, como vêm os outros enfim como se identificam perante a sociedade dos seus relacionamentos. No questionário de opinião preenchido no final do projecto cerca de 68% dos alunos gostariam de ver no Youtube os filmes da sua autoria e a razão principal apontada seria para que os outros pudessem ver o seu trabalho e dar a sua opinião.

Por tudo isto, revela-se urgente uma apropriação destas ferramentas por parte da escola do sistema educativo por forma a permitir uma construção da aprendizagem na linguagem, verdadeiramente sentida, dos jovens/alunos de hoje.

Verificamos que a escola passou a ser para estes jovens, participantes neste estudo, um espaço mais agradável, gratificante e de aprendizagem auto-motivada.

Esperamos ter contribuído para uma escola transformada num centro de aprendizagem da comunicação, preocupada não com a simples transmissão de conhecimentos, mas com o enriquecimento das experiências comunicacionais de todo o tipo.

Referências

Boekaerts, M. & Corno, L. (2005). *Self regulation in the classroom: A perspective on assessment and intervention*. Applied Psychology: an international review, 54 (82), 199-231.

Bogdan, R. e Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.

Cloutier, J. (1975). *A Era de Emerec ou a Comunicação Audio-scripto-visual na hora dos self-media*. Lisboa: ITE /MEIC.

Coutinho, C. (2005). *Percursos da Investigação em Tecnologia Educativa em Portugal: uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas (1985-2000)*. Braga: Universidade do Minho.

Dembo, M. H., & Eaton, M. J. (2000). *Self-Regulation of Academic Learning in Middle-Level Schools*. Elementary School Journal, 5, 473-490.

Gauntlett, D. (1997). *Vídeo Critical: Children, the Environment and Media Power*. John Libbey

Media, Luton

Jacquinet-Delaunay, G. (1998) *Du cinéma éducateur aux plisirs interactifs: rives et dérives cognitives*. In Beau-Dubois-Le Blanc (Ss Dir.) *Cinéma et Dernières Technologies*. Bry-Sur-Marne: INA/De Boeck.

Kilpatrick, W. (2007). *O Método de Projecto*. Mangualde: Edições Pedagogo.

Moran, José Manuel (1993). *Leituras dos Meios de Comunicação*. São Paulo, Ed. Pancast.

Morin, E. (2000). *Les Sept Savoirs Nécessaires à L'Education du Futur*. Paris: Editions du Seuil (©Unesco 1999).

Oblinger, D. G. & Oblinger, J. L. (Eds.) (2005). *Educating the Net Generation*. Educause. e-Book. Acedido em Janeiro 17, 2009, de <http://www.educause.edu/educatingthenetgen/>.

Oliveira, L. R. (2008). Cinema educativo e construção de identidades. Comunicação apresentada na Conferência IVSA 2008, Buenos Aires, Argentina em Agosto de 2008 (documento digital reservado).

Prensky, M. (2001 October 2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. Vol.9, no.5.. Acedido em Janeiro 17, 2009 de <http://www.marcprensky.com/writing/>

Rosário, P.; Núñez, J.; Pienda, J. (2007) *Auto-regulação em crianças sub-10: Projecto Sarilhos do Amarelo*. Porto: Porto Editora.

Siemens, G. (2004). Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. Acedido em Janeiro 17, 2009, de <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>

Zimmerman, B. J. (2002). Becoming a self-regulated learner: An overview. *Theory into practice*, 41 (2), 64-70.